



Editorial

Sandro Adrián Baraldi

A colonização brasileira foi ou não foi uma oportunidade? Por que faria uma “ferida”? E afinal o que é uma ferida colonial? Por que ela não cicatrizaria? Para responder a essas perguntas é fundamental pensar no processo histórico derivado do evento colonização. A matriz ideológica das práticas colonizadoras tem origem no patriarcado, sistema regulador dos comportamentos humanos hoje dominante no planeta. Cito Humberto Maturana para apoiar minha afirmação: a cultura patriarcal coordena “ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade”. Poder é ter privilégios e isso é o que mais queremos nesta cultura que vivenciamos hoje. Estamos, portanto, imersos nesse desejo de ter privilégios, tão profundamente está arraigada essa mentalidade que nos tornamos, sem perceber, escravos dele. E o impasse está posto: como não perder privilégios e, ao mesmo tempo, como conseguir mais? O grande cisma humano entre quem os tem mais e quem os tem menos se resume a esta distinção de graus de privilégios. A colonização trouxe este modo de vida patriarcal ao Brasil. E o problema que frustra os brasileiros se resume a uma batalha insana por privilégios. Quem tem privilégios, qualquer um deles, educação paga, segurança privada, propriedade, não admite perder nenhum, porque isto significaria abrir mão deles em benefício de outros. E quem não tem privilégios, ou

tem poucos, fará qualquer coisa para tirar de outro os privilégios que crê que lhe faltam.

A ferida colonial, uma metáfora do sofrimento causado pelo embate entre os que têm todos os privilégios com os que têm poucos e os que não têm nenhum, refere-se a essa carnificina produzida por este combate. Ao longo do tempo a ferida mudou de extensão, mas jamais deixou de existir porque, como toda batalha, está sempre mudando de jeito. O que não muda é a ganância pelo privilégio. E neste ambiente dominado pelo dinheiro há pouca chance de mudar porque a lógica mercantil materializou um signo – o dinheiro não tem corpo, tem um significado de valor – em um imperativo absoluto. E o dinheiro é escorregadio, ele se move regulado pela ganância: quanto mais ganância, menos limites morais, logo, mais dinheiro, mais privilégios.

Esta é A máquina do mundo, estamos presos a esta lógica maquinal em *loop* perpétuo. Vivemos em um reino de terror, amedrontados pela possibilidade sempre real de nos encontrarmos em pior situação do que a que estamos, chantageados pelos mais privilegiados para permanecer obedientes ou perder privilégios. Tão disforme, em termos humanistas, se tornou essa doutrina que chega a ameaçar a vida: pela fome, porque comer é um privilégio; pelo espaço, não se pode dormir em qualquer lugar porque o espaço é regulamentado; e daqui a poucos anos pela sede, a água como *commoditie* implica na restrição de seu uso para venda.

Já temos condições de responder às perguntas acima. A colonização não foi oportunidade porque traz em seu bojo a doutrina perversa do privilégio e assim acaba por ferir a todos, inclusive aos seus algozes que detêm temporariamente vantagens até caírem em desgraça e perderem tudo. Por causa dessa feroz dança das cadeiras, jamais haverá cicatrização, pois assim a ferida não cura nunca, ora atingindo uns, ora atingindo outros.

É possível “cicatrizado” essa ferida antiga? É claro que sim e a resposta é óbvia: mudar a doutrina do privilégio. E como fazer isso? Uma proposta bem consistente foi sugerida por Aníbal Quijano: criar uma doutrina pessoal do desprendimento. (Veja mais sobre o desprendimento na Resenha do livro de Walter Mignolo que acompanha esta edição). Como eu a vejo: libertar-se do supérfluo pessoal, em um

primeiro momento, seguido de uma aliança comunitária para que todos se libertem do supérfluo coletivo. É indispensável uma bota para subir montanhas se você é um escalador, mas possuí-la por mero fetiche não tem sentido. Incomodar uma pessoa porque ela é homossexual, e isso em nada está afetando a vida dos outros, também não tem sentido. Então, o desprendimento refere-se principalmente às práticas que foram condicionadas pela colonialidade do poder. A colonialidade do poder pertence àqueles que detêm todos os privilégios e que nos forçam violentamente à obediência acrítica para serem servidos eternamente por um exército de escravos.

O desprendimento não é uma prática difícil se você estiver atento aos seus atos. Há muito excesso em nosso modo de viver. Nada pode ser cortado ou diminuído? Parece uma coisa pequena demais para se fazer, mas se até formigas aterrorizam elefantes, porque nós, “formigas” que somos nesse espectro social, não poderíamos aterrorizar grandes potências e forçá-las a mudar as regras que nos oprimem?

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, é editor da Revista Cactácea e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>> e do

GRUPEFE. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5055-2071>>. Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>>.